



ENSINANDO E APRENDENDO EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM JOVENS

*Edme Severino Santos¹
Ana Cristina Passarella Brêtas²*

RESUMO

A preocupação com a preservação do meio ambiente é um dos principais focos de atenção social no século XXI. Nela se inserem as alternativas capazes de garantir para as futuras gerações um ambiente propício que possibilite a continuidade da vida humana. Neste contexto, este estudo qualitativo foi realizado a partir de discussões sobre a consciência coletiva de sustentabilidade ambiental e da necessidade de abrir canais que favoreçam a criação de políticas direcionadas. Objetivou compreender os significados e a importância da educação ambiental para adolescentes que participam das atividades do “Projeto Saber Cuidar” e contribuir com a formação de jovens multiplicadores da educação ambiental. Foi realizado em uma Escola Estadual da Cidade de São Paulo, com a participação de doze estudantes de 11 e 12 anos de idade. Os dados foram coletados por meio das técnicas da entrevista e observação participante. Na análise emergiram quatro eixos temáticos: consciência ecológica; transformação social; dificuldades com a implantação da proposta; realização da proposta de educação ambiental. Os principais resultados mostraram a importância da conscientização ambiental no processo de educação, da tomada de consciência pelos jovens e da percepção do meio em que vivemos. Revelaram a necessidade de um olhar direcionado à construção de novas formas de interação capazes de ver as problemáticas educacionais e sociais e, diante delas, direcionar uma postura incisiva capaz de potencializar a necessária mobilização social. Esta ação partilhada estimulou os estudantes que participaram da pesquisa a multiplicarem o apreendido, ensinando aos outros sobre educação ambiental.

Palavras-chave: Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão. Meio ambiente. Educação ambiental.

YOUTH ENVIRONMENTAL EDUCATION: TEACHING AND LEARNING

ABSTRACT

Preservation of the environment is one of the main social concerns of the XXI century. This includes finding alternatives that can provide future generations with an environment that permits the continuity of human life. The present qualitative study involved discussions about collective awareness of issues including environmental sustainability and the need to develop new ways to create targeted policies. Adolescents participating in the “Saber Cuidar” project were encouraged to understand the meaning and importance of environmental education, and the creation of a system of peer group environmental

¹ Enfermeiro pela Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP. Correspondência: edme.unifesp2012@gmail.com

² Doutora em Enfermagem, Departamento de Enfermagem, Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP.

education was encouraged. This study was undertaken in a State school, southeast of the city of São Paulo, with the participation of twelve students aged between 11 and 12 years. Data were collected using interviews and participant observation. Four themes emerged from the analysis: ecological awareness, social transformation, difficulties with the implementation of the proposal, and achievement of the proposed environmental education. The main results showed the importance of environmental awareness during the educational process, and of encouraging the perception of students concerning the environment in which they live. The work revealed a need to build new types of interaction able to raise perception of educational and social problems, which might then favor constructive action to stimulate necessary social mobilization. The students who participated in this study were encouraged to pass their acquired knowledge to their peers, and to teach others about environmental issues.

Keywords: Teaching-research-extension inseparability. Environment. Environmental education.

ENSEÑANDO Y APRENDIENDO EDUCACIÓN AMBIENTAL CON JÓVENES

RESUMEN

La preocupación con la preservación del medio ambiente es uno de los principales focos de atención social en el siglo XXI. Con ella, se insertan las alternativas capaces de garantizarles a las futuras generaciones un ambiente propicio para permitir la continuidad de la vida humana. En este contexto, el presente estudio cualitativo fue realizado a partir de las discusiones al respecto de la conciencia colectiva de sostenibilidad ambiental. Tiene el objetivo de comprender los significados y la importancia de la educación ambiental para adolescentes que participan en las actividades del Proyecto Saber Cuidar, y contribuir para la formación de jóvenes multiplicadores de la educación ambiental. Se realizó en una escuela estadual de la zona sur-este de San Pablo, contando con la participación de doce estudiantes de 11 y 12 años de edad. Los datos fueron obtenidos por medio de las técnicas de entrevista y de observación participante. Del análisis, aparecieron cuatro ejes temáticos: conciencia ecológica; transformación social; dificultades en la implantación de la propuesta; realización de la propuesta de educación ambiental. Los principales resultados mostraron la importancia de la concientización ambiental en el proceso de educación, de la toma de conciencia por los jóvenes y de la percepción del medio en que vivimos. Han revelado la necesidad de una-visión dirigida a la construcción de nuevas formas de interacción que sean capaces de ver las problemáticas educacionales y sociales, y frente a ellas, adoptar una postura incisiva capaz de potencializar a la necesaria movilización social. Esta acción compartida estimuló a los estudiantes que han participado en la investigación a multiplicar lo que aprehendieron, enseñándoles a los otros al respecto de la educación ambiental.

Palabras clave: Inseparabilidad entre enseñanza, investigación y extensión. Ambiente. Educación ambiental.

INTRODUÇÃO

Discutir sobre a importância da educação ambiental é fundamental para a

construção da consciência ecológica. Neste sentido, o projeto de extensão Saber Cuidar³ busca estimular a consciência coletiva sobre a sustentabilidade ambiental, proporcionando reflexões sobre este tema e, ao mesmo tempo, abre canais que favoreçam a criação de políticas direcionadas.

A multiplicação de problemas socioambientais tem contribuído para a emergência e difusão de uma consciência ecológica, bem como para o questionamento da atual forma de relacionamento entre sociedade e natureza, propondo, assim, a integração dos conhecimentos da economia, da ecologia, da sociologia e da biologia, no sentido de uma aproximação das ciências naturais e sociais. Esse despertar de uma nova consciência ecológica, entretanto, ainda não se refletiu em mudanças significativas nos rumos das políticas governamentais e dos estilos de vida individuais ([LIMA, 1997](#)).

A educação ambiental, no decorrer da história, foi tratada com menos importância, ou seja, o seu real valor de interferência na sociedade (sensibilização sobre a importância da preservação do meio ambiente, medidas alternativas de fontes renováveis de energia, valorização da reciclagem como meio viável à deposição do lixo, medidas de saneamento básico, deposição adequada do lixo), não foi valorizado de forma efetiva não apenas pelas autoridades políticas e econômicas, como também, por cidadãos comuns.

Por sua vez, os homens e mulheres que defendiam a educação ambiental e que relutaram pelo estabelecimento de uma ideologia progressista relacionada à criação de uma política ambiental sustentável foram, durante algumas décadas, desconsiderados e impedidos de agir. O poder do capitalismo e a sede de desenvolvimento econômico são algumas forças que dificultam, direta ou indiretamente, a educação ambiental. Desse modo, não há dúvida de que o interesse pela preservação do meio ambiente é o combustível que faz mover a máquina da evolução social no âmbito da tão necessária conscientização ecológica ([DEWES; WITCKIND, 2006](#)).

Por outro lado, como campo de saber e prática social, a trajetória da educação para a sustentabilidade nasceu em 1977, na primeira Conferência Internacional, em Tbilisi (Geórgia), considerada um dos principais eventos do Planeta sobre o tema. Nela foram elaborados suas definições, objetivos, princípios e estratégias em âmbito global. Entendeu-se, naquele evento, que o conhecimento não pode ser restrito às dependências das escolas, não podem delimitar a rede de articulação que faz crescer ideias, expandir liberdade, que fortalece o meio social de criticidade. Mas sim, que a educação ambiental deve abranger pessoas de todas as idades e de todos os níveis ([SESC, 2010](#)).

Nesse ínterim, em escala global, principalmente a partir da década de 1990, foram criados alguns documentos de importância relevante à ascensão da preservação do meio ambiente a partir da sustentabilidade. Dentre eles, destacam-se: a Conferência Internacional Rio 92, que criou a Agenda 21, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, além da Carta da Terra, alimentaram a concretude que se precisava para estabelecer diretrizes éticas para o

³ O SABER CUIDAR é um projeto de extensão, cadastrado e reconhecido pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Ancora-se no preceito da indissociabilidade entre as ações de extensão, ensino e pesquisa, na perspectiva interdisciplinar. Agrega estudantes e membros do movimento popular de saúde da região São Savério e Parque Bristol na cidade de São Paulo; tem como um dos eixos de investigação a construção sistemática da história desse movimento e estudos sobre a questão da gestão ambiental, na perspectiva da Saúde coletiva e planetária. Prevê na sua essência não apenas a ação extensionista focalizada, caracterizada pela prestação de serviços e/ou realização de oficinas e grupos educativos; mas valoriza a produção e disseminação do conhecimento, como complementos dialógico e dialético na formação acadêmica. Está vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Saúde, Políticas Públicas e Sociais – credenciado no CNPq e reconhecido institucionalmente pela UNIFESP.

desenvolvimento humano a partir do ideário de valores ambientais e socialmente responsáveis nas práticas educativas e comunitárias ([JACOBI, 2003](#)).

Nesse sentido, em se tratando do processo de valorização da natureza, o processo de construção que leva a definição de desenvolvimento sustentável pode ser interpretado por duas razões: a primeira, é tentar entender os meios objetivos e subjetivos que fazem a sociedade repensar sobre a carência de efetividade do modelo de desenvolvimento experimentado nas últimas décadas. E a segunda, suprir a necessidade imediata de uma nova compreensão sobre a importância do meio ambiente de modo que o entendimento sobre a limitação dos recursos naturais possa alimentar o sentimento coletivo de preservação do ambiente ([CAVALCANTI, 1994](#)).

A capacidade de sensibilizarmos com a degradação da natureza viabiliza a criação de uma base capaz de estruturar a sustentabilidade através da educação. Este processo educativo deve ter como princípio a cidadania (na medida em que busca formar pessoas capazes de interpretar o ambiente) e converge para a promoção da melhoria do ambiente e da qualidade de vida ([SESC, 2010](#)).

Por outro lado, a urbanização desafia nossa capacidade de produzir bens públicos, sobretudo educação, cultura, saúde e um ambiente saudável para o conjunto das populações. Esse desafio é, sem dúvida, um pré-requisito para o desenvolvimento sustentável que garanta bem-estar coletivo e, assim, à expansão das liberdades individuais.

Nesse contexto, sem dúvida, há inigualáveis desafios para a humanidade rever e repensar seu modo de vida, especialmente nos aglomerados urbanos. Ressaltamos que não pretendemos, por meio dessa reflexão, fazer julgamento das deficiências sociais como desigualdade social, falta de saneamento básico, entre outras. Mas sim, contextualizá-las no cenário dos desafios encontrados no processo que visa à abrangência social dos ideais de conservação e preservação do meio ambiente.

É verdade que nos aglomerados urbanos temos alternativas para controlar, por exemplo, o desenfreado acúmulo de lixo nas ruas. Para tanto, é preciso aumentar a coleta seletiva, disponibilizar reservatórios de lixo nos bairros e mobilizar os atores e atrizes sociais à reciclagem. Para esse fim, os primeiros passos a serem dados, certamente, estão sob o direcionamento de políticas públicas responsáveis, que valorizem a inserção da sustentabilidade ambiental no cotidiano social ([LIMA, 1997](#)).

É preciso, para tanto, considerar não apenas políticas estruturais que garantam mais qualidade de vida para a população carente desses recursos, mas também conservar a biodiversidade e os ambientes naturais, para que possamos evoluir em ascendência da conservação do meio ambiente.

Essas ações, no entanto, têm um panorama bastante amplo que carece de convergências sistemáticas e articuladas para sedimentar à necessária harmônica passividade entre o ser humano e o meio ambiente ([BRASIL, 2005](#)).

Sobre esse aspecto, Freire afirma que “a conscientização ultrapassa a esfera espontânea da apreensão da realidade para que se chegue a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” ([FREIRE, 1994](#), p. 15).

Nesse contexto, o sonho de uma sociedade sustentável é, não só desejável, como necessário. Não podemos desconsiderar nesse processo, a existência de obstáculos como, por exemplo, as grandes discordâncias sobre a construção de um desenvolvimento multidimensional. Por outro lado, a concretude desse planejamento vai depender do nível e da qualidade da consciência pública, da sua percepção sobre a realidade dos problemas vividos e da sua capacidade de organização para impulsionar mudanças no sentido de uma sociedade verdadeiramente sustentável ([GODOY et al., 2010](#)).

A problemática ambiental urbana para [Freire \(1996\)](#), abre canais que nos possibilita adentrar novos espaços para programar alternativas diversificadas de democracia efetivamente plural. Nos dias atuais, um dos maiores desafios para a consolidação desse equilíbrio é, sem dúvida, a criação de estrutura que assegure qualidade aceitável de educação e que torne as cidades social e ambientalmente sustentáveis, de modo que respeite o meio ambiente e evite a continuidade da degradação dos recursos naturais.

A preocupação com a preservação do meio ambiente é, talvez, o principal foco de atenção do século XXI. Nela se inserem as alternativas capazes de garantir, para as futuras gerações, um ambiente propício que possibilite a continuidade da evolução humana.

É verdade que a moldura que sustenta a ignorância sobre a sustentabilidade ambiental está sendo desfeita por uma série de fatores como a conclusão de estudos concernentes à devastação do meio ambiente e ao pronunciamento preocupante de importantes ambientalistas, sobre o tema. Todavia, ainda é uma incógnita a total recuperação dos recursos naturais destruídos pelas ações humanas ([BRASIL, 1997](#)).

Por outro lado, é indiscutível a crise ambiental que vivem as grandes metrópoles brasileiras, resultado de longos anos de práticas gerenciais inadequadas por parte do poder público, como também, por parte da sociedade. É evidente que a omissão em mobilizar ações que reduzam o desenfreado despejo inadequado dos resíduos sólidos e a ineficiência da saúde pública são objetos de dever da sociedade e da gestão pública.

No entanto, quer seja de forma direta ou indireta, é preciso mobilizar a sociedade no sentido de, não só direcionar as ações do poder público, como também, interferir positivamente na construção de uma sociedade consciente e ativa que transforma sua realidade. A educação ambiental, desse modo, objetiva canalizar suas influências para a ascensão da consciência ecológica ([BRASIL, 2007](#)).

OBJETIVOS

- Compreender os significados e a importância da educação ambiental para adolescentes que participam das atividades do Projeto Saber Cuidar.
- Contribuir com a formação de jovens multiplicadores da educação ambiental.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

Estudo qualitativo, realizado em uma Escola Estadual da Cidade de São Paulo. A escolha deste local se pauta no fato de ser o lugar onde as atividades do Projeto de Extensão Universitária Saber Cuidar são realizadas. Participaram da pesquisa doze estudantes de 11 e 12 anos de idade. Os critérios de inclusão foram: participar voluntariamente das atividades de educação ambiental propostas pelo pesquisador e ter a permissão dos responsáveis com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A faixa etária dos participantes definida para esse estudo, segundo [Hockenberry e Wilson \(2011\)](#), está de acordo com do padrão de crescimento e desenvolvimento, como também, comporta as exigências e o grau de complexidade esperado para a participação na pesquisa.

Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética da UNIFESP (CEP nº 850/11), apresentamos formalmente o projeto de pesquisa à Direção da Escola e pactuamos formas de apoio institucional para o desenvolvimento do trabalho de campo. Foi uma boa

experiência⁴, uma vez que, com essa contribuição, tive a oportunidade de transformar as ideias em realidade.

Acredito desse modo, que o legado da educação deve ser passado não apenas pelo professor lotado na escola e que cumpre um calendário anual de aulas, mas sim, por todos aqueles que contribuem, por meio de práticas educativas e dialógicas, para a melhoria social. Durante o período das atividades, a coincidência de horários com a graduação obrigou-me a faltar em algumas atividades na Universidade, colocando em xeque a indissociabilidade entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão Universitária.

Ao chegar à sala de aula, no primeiro dia do trabalho de campo, ao meio de muita conversa cuja sonoridade ensurdecia a qualquer bom ouvido, ouvi da professora: “*Bem vindo ao barulho, se você conseguir falar, fique a vontade*”. Foi uma vivência capaz de “encher os olhos” de qualquer educador que acredita na educação a partir do diálogo e da participação coletiva. Na condição de pesquisador e extensionista, deixei meu corpo ereto e esbocei um olhar observador. Postei-me por longos três minutos, sem absoluta expressão verbal. Como em cadeia, naquele desorganizado amontoado de carteiras espalhadas e de papéis voando no teto, percebi olhares desapontados e curiosos, cujo silêncio abriu alas para um coro de “*Bom Dia*”.

Ao apresentar-me para os estudantes e expor as minhas pretensões, a maioria mostrou-se interessada e se dispôs a participar da pesquisa. Escolhi os alunos que mais conversavam. Percebi que eles chamavam mais a atenção da turma e, as ideias defendidas nessa pesquisa, precisavam de jovens com esse perfil. Assim, poderiam dar continuidade à semente plantada no humo da conscientização e regada nas águas da pluralidade.

Ao escolher os alunos e anotar seus dados e contatos, já na hora de sair da sala de aula, souou uma voz tímida: “*Que injustiça, os que não colaboram e fazem bagunça na sala, são escolhidos, mas os que são estudiosos e quietos nem são lembrados*”. Era um estudante que sentara na frente da sala e ainda não tinha, sequer, mostrado seu interesse em também participar da nossa pesquisa. Aquele fato chamou muita atenção, até a minha professora/ orientadora que estava a me esperar, no lado de fora da sala, pediu para ver com “bons olhos” a atitude daquela criança. E, naturalmente, “Instrutor” faz parte deste trabalho de pesquisa.

A partir daquele momento, passei a me reunir com os 12 estudantes uma vez por semana. Cada membro foi nomeado monitor da sustentabilidade ambiental. As atividades teóricas foram realizadas no espaço concedido pela Escola, em horário fora do período de aula. Por outro lado, as atividades práticas foram realizadas na própria sala de aula, com autorização do professor.

Nas atividades teóricas conversávamos sobre a educação ambiental. Todos expressavam suas opiniões e, por vezes, dialogavam em grupo. Antes das discussões, cada monitor fazia um desenho esboçando sua visão sobre o conteúdo a ser explorado. No final dos diálogos os desenhos eram expostos e explicados, bem como, o porquê dos detalhes e o que foi aprendido.

No início, os desenhos expressavam certa preocupação com o “mundo”. Como, por exemplo, o desenho do planeta terra com apenas uma árvore. Outro mostrava um urso polar faminto e vulnerável. À medida que conversávamos sobre o tema e nos enxergávamos capazes de promover mudanças, os desenhos mudaram de conformação.

Os problemas ambientais do bairro, como falta de saneamento básico, começaram a ser denunciados. O lixo depositado indevidamente na escola, em geral, também foi questionado. O “mundo”, como eles diziam, passou a nos pertencer. A charge do

⁴ Considerando que o campo de pesquisa foi feito pelo estudante pesquisador, a descrição desta experiência será mantida na primeira pessoa.

professor, impossibilitado de ministrar aula por falta de colaboração da turma, já não mais foi engraçada.

Nas atividades práticas a opinião dos monitores, frente às problemáticas discutidas, era apresentada para a turma. O maior desafio, talvez, foi conquistar a colaboração de todos os alunos para ouvir a apresentação dos coleguinhos. Apesar das dificuldades, no decorrer das apresentações, a maioria mostrou-se interessada e colaborativa. Nesse aspecto, a opção de escolher os estudantes “mais rebeldes” foi muito feliz, por serem “respeitados” pela turma, fizeram a diferença no processo de transformação.

Segundo os monitores, alguns alunos faziam da lixeira, na sala de aula, uma bola de futebol e, com ela, brincavam deliberadamente. Outros a deixavam propositalmente sobre a porta de entrada da sala para que caísse no professor. Assim, uma das monitoras convidadas a transformar essa realidade, escreveu no recipiente coletor de lixo as seguintes frases: *Isto aqui não é uma bola; preserve o que é seu; jogue lixo no lixo*. Este trabalho foi apresentado à turma, bastante debatido, e deixado no devido lugar.

Apesar de alguns monitores acreditarem que aquela lixeira não continuaria naquele local por mais de um dia, devido à falta de compreensão da maioria dos alunos, depois de oito meses, o velho coletor de lixo ainda estava no mesmo lugar, preservado, e com uso apropriado.

No final do ano letivo, realizei entrevista gravada, com transcrição na íntegra, com quatro dos doze estudantes. Para preservar o anonimato, vamos chamá-los de INSTRUTOR; MESTRE; PRECEPTOR; PROFESSOR, sinônimos de EDUCADOR. As narrativas foram obtidas a partir de depoimentos dos entrevistados sobre o que aprenderam com o projeto, os pontos fortes, os pontos fracos e as dificuldades encontradas, no decorrer do trabalho, e as sugestões para continuidade do Projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do ponto de vista da consciência ecológica, a experiência de construir educação ambiental COM e não PARA os jovens, permitiu popularizar a pesquisa, favorecendo a identificação dos atores e atrizes sociais e dando base para a emancipação das propostas defendidas no trabalho de campo. O pesquisador “planta sementes” e espera que todas se desenvolvam. Paulo Freire coloca a conscientização como objeto e finalidade da educação: “Estou absolutamente convencido de que a educação, como prática de liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade” ([FREIRE, 1980](#), p. 25).

É possível perceber, na narrativa de “Instrutor”, atitudes de que fala [Freire, \(2000\)](#): “*Eu mesma tenho que cuidar da minha parte, porque estou cuidando da (parte) de todo mundo também*”. E em “Professor”: “*Aprendo principalmente levar para vida toda a não jogar lixo no chão*”. Essa consciência revela o inacabado consciente que alimenta a sede de sempre mobilizar sua própria consciência. Por isso, sua ação não deve se limitar apenas à conservação do espaço ambiental, mas aprofundar-se na construção de uma cultura voltada para o respeito ao meio ambiente.

Apesar das dificuldades encontradas para trabalhar a sustentabilidade ambiental, por parte da unidade de ensino, tivemos uma boa aceitação dos estudantes e relevantes esforços para cumprir os objetivos da pesquisa, que, sem dúvida, facilitou o aprendizado e impregnou de sentido a preservação do meio em que vivemos.

É importante compreendermos o necessário processo político e social que incorpore a percepção de que o meio ambiente está em desequilíbrio e, por isso, carente de intervenção. Sendo assim, “Preceptor” nos permite enxergar uma alternativa: “*É passar isso daí (conscientização ambiental) para todo mundo: amigos, colegas, sua família*”. São atitudes como as observadas no trecho acima que nos mobilizam e encorajam a formação

de multiplicadores, mesmo diante das dificuldades impostas no campo de pesquisa, que interferem, sem dúvida, no seu desfecho. Segundo [Morin \(2001\)](#), a conscientização aqui referida, melhora o bem-estar coletivo e potencializa a expansão das liberdades individuais, formando um pensamento sustentável. Dessa forma, podemos afirmar que a mobilidade social não depende unicamente da escola, mas da educação contínua e da consciência de que cuidar do ambiente é necessário.

Levando-se em conta a transformação social, para multiplicar a sustentabilidade ambiental é necessário perceber as atitudes individuais e coletivas. Como visto em “Professor”: *“Cada um tem sua consciência... cada um fazendo a sua parte”* e em “Mestre” *“Não jogar lixo na rua, não jogar lixo na sala, principalmente para não entupir os bueiros e causar enchentes”*. [Freire \(1996, p.63\)](#), neste sentido, defende que *“a consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca”*.

Após a realização de algumas atividades com o grupo de alunos, “Instrutor” nos fala sobre sua ação: *“É, ajudo... Falo com os amigos para não jogar lixo no chão e (sim), jogar (lixo) na lata de lixo”*. E “Mestre” complementa: *“É falar para as pessoas não jogarem lixo nos lugares indevidos e preservar o meio ambiente”*. Para [Freire \(1994\)](#), a prática dessas ideias expostas, somente é possível, se conseguirmos reconstruir o sentimento de pertencimento à natureza, acabar a passividade e incluir-se nesse processo.

Desse modo, é gratificante ver jovens falando sobre as técnicas que desenvolveram para promover educação ambiental, como relata “Professor”: *“Quando alguém suja o chão, tenho que pedir para jogar lixo no lixo. Tenho que pedir com bastante educação porque se não eles não jogam de jeito nenhum”*. Ao encontro do que disse [Freire \(1980\)](#), quando se participa da realidade dos grupos e se doa diante dele, é possível conhecer os modos de pensar e identificar os níveis de percepção favorecendo, dessa forma, os objetivos do que se propõe o educador.

Por outro lado, conseguimos perceber, na fala de “Preceptor” a importância da mobilização social para a educação ambiental. *“É, ajuda primeiramente a sala de aula, a rua, aos parques, a não poluir o ar”*. E “Professor” complementa: *“Ah, significa, que se a gente ajudar para preservar a sala de aula ajuda preservar os animais e as florestas de onde a gente convive”*. Dentro da semântica de ideias, em que a organização é imprescindível, observamos uma doação expressiva por parte dos estudantes. Por conseguinte, a maior dificuldade para esse fim é tornar a linguagem acessível e de fácil compreensão, de modo que, ultrapasse as barreiras estruturais e sociais que limitam o conceito da preservação do meio ambiente ([MAGALHÃES et al., 2005](#)).

Como também, ao contrário do que descreve “Mestre” quando perguntado sobre as ações que devemos realizar para fazer impregnar de sentido à preservação da sustentabilidade, não é tarefa fácil: *“tudo que temos que fazer é apenas jogar o lixo no lixo e não jogar o lixo no chão”*. A maioria da população, quiçá, ainda tem uma visão simplista sobre a implantação da educação ambiental. Muitos desconhecem a sua importância e, certamente, deixam de valorizá-la. Logo, podemos entender a práxis humana que, segundo [Freire, \(1980, p.26\)](#) *“é uma unidade indissolúvel entre ação e a reflexão de cada ser humano sobre o mundo”*.

Em contrapartida, a consciência ecológica não se restringe apenas a ser sinônimo de “mundo” como percebido na falas de “Preceptor” e “Mestre” quando perguntado sobre a importância das ações desta pesquisa. Para “Preceptor”: *“é ajudar preservar o mundo”*, para “Mestre”: *“é ajudar o mundo inteiro”*. [Morin \(2001\)](#), equipara a consciência ecológica com o ecossistema, ou seja, um complexo que se autoorganiza e que se transforma a cada instante. Está acima de um bem coletivo que moldura, de ações, às carências da preservação do meio ambiente.

Para compreender a dimensão ecológica da vida, segundo [Freire \(1980\)](#), é preciso seguir no caminho da transformação - de si e do mundo -, a partir de uma postura de equilíbrio com o ambiente em sua totalidade. Nesse sentido, "Mestre" nos fala: *"Se eu ver uma pessoa jogar lixo na rua eu falo: Oh! não joga (lixo) no chão, joga (o lixo) na lixeira que isso daí vai ajudar muito você no futuro"*. Essa atitude é um reflexo da tomada de consciência a partir de um conjunto de atividades direcionadas à sustentabilidade ambiental. Percebemos, portanto, que a discussão de ideias no campo de pesquisa é de extrema importância para sedimentar o conceito de sustentabilidade e promover a transformação social.

[Freire \(1994\)](#), afirma que a conscientização, para existir, precisa do ato ação-reflexão. Podemos observar esse pensamento na fala de "Professor" em *"não é só minha parte que é importante, depende de uma ação de todo mundo"* e quando perguntado sobre as dificuldades para desenvolver a sustentabilidade ambiental, "Preceptor" responde: *"é um pouco difícil, porque as pessoas sempre jogam o lixo nas ruas. Eles ainda não têm a conscientização"*. A ação educativa deve abranger todos, sem distinção de idade, gênero, etnia e classe social.

Sobre o exposto, podemos fazer duas observações: a estrutura educacional do país está carente de pessoas dispostas a mudar a realidade descrita. E, ainda é possível fazer nascer um movimento estudantil que seja capaz de adotar a sustentabilidade ambiental como nova tendência a ser seguida.

São inúmeros os fatores que contribuem para a não dissociação da consciência ecológica. Segundo [Lima \(1999\)](#), podemos citar: um ensino deficiente que não prepara os estudantes para desenvolver o pensamento crítico, relacionado à proteção do meio ambiente; um conjunto de meios de comunicação e agências de publicidade que pregam valores questionáveis, agravado por falta de exercício político, no mais amplo sentido do termo, entre tantos outros.

Em determinado momento das entrevistas, quando discutido sobre as dificuldades encontradas para ser monitor da sustentabilidade ambiental, alguns trechos nos chamou atenção, como o que se segue em "Mestre": *"As pessoas não pensam esse tema, não respeitam o meio ambiente. [...] É difícil porque quase ninguém colabora"* e em "Instrutor": *"Cada um aqui faz a sua parte, mas as outras ao invés de ajudar, fazem o contrário"*. Sobre este aspecto, [Freire \(1980\)](#) defende que a conscientização é uma diretriz que permite ser, - ao mesmo tempo -, objeto e finalidade da educação.

Em outro trecho, "Instrutor" nos traz um segundo ponto de vista também relevante, sobretudo, na direção da formação de multiplicadores: *"ensinar para os outros que moram na minha cidade"*. E em: "Professor" *"as pessoas vão lá e jogam lixo no chão. Comem balas e jogam o papel no chão. É, tipo assim, poderiam jogar (o lixo) na lixeira, pelo menos"*. Essa fala chama a nossa atenção para a necessidade urgente de mobilização dos atores e atrizes sociais para reestruturar a concepção da valorização do pensamento sustentável. Como visto, esse processo nasce na escola e precisa de continuação em todos os níveis sociais.

Segundo [Morin \(2001\)](#), a reflexão da própria consciência, como um ato individual, pode reorganizar o conhecimento e reavaliar os seus pontos de vista fundamentais. Assim, podemos observar um acontecimento importante, como a valorização da sustentabilidade ambiental, depois das atividades teóricas e práticas, como descritas por "Preceptor": *"antigamente na sala não tinha lixeira, a lixeira que tinha era toda quebrada porque faziam dela uma bola de futebol"* e em "Professor": *"desenhei uma lixeira, coloquei atrás da porta para quando alguém passasse, jogasse pelo menos o lixo de verdade na lixeira né, pelo menos. Funcionou!"*. Observamos, nessa fala, a riqueza e o impacto dessa mobilidade estudantil desenvolvido nas dependências da Escola.

Nesse contexto, observamos uma mudança de comportamento na maioria dos alunos das turmas selecionadas. Relatos informais de professores e estudantes, como também, durante as entrevistas, mostraram-nos maior interesse pela preservação do ambiente. Escolhemos ocasionalmente uma classe que, segundo a coordenadora da escola, tratava-se de uma das “piores turmas”. No entanto, ao término desse trabalho, foi elogiada e classificada entre as melhores turmas.

O que falta, no entanto, é uma continuação dessas ações com os demais alunos. Assim, “Instrutor” nos descreve algumas mudanças: *“a sala mudou bastante; ela tem menos lixo e mais limpa e preservada”*. E “Preceptor” complementa: *“a consciência dos alunos melhorou, melhorou bastante, por exemplo, os meninos ficavam jogando (lixo na sala de aula) e agora não jogam mais”*. O dimensionamento da revolução ecológica, por conseguinte, faz-se de forma ascendente com a articulação em rede. O envolvimento ímpar de cada cidadão com a questão ecológica, em longo prazo, vai promover a co-responsabilidade social cujas bases estão no compromisso que assumimos para manter a qualidade de vida atual ([GODOY et al., 2010](#)).

A mudança de atitude observada nos participantes deste estudo foi significativa e pode ser um relevante indicador para compor as diretrizes curriculares das instituições de ensino público, que se preocupam em promover a conscientização ambiental.

A importância deste estudo se estende não apenas às escolas, mas também, a todos os lugares onde houver disposição para impregnar de sentido a práxis humana na promoção da sustentabilidade. Os profissionais de saúde, principalmente o enfermeiro, poderão valorizar as ideias aqui discutidas e compartilhá-las nas suas unidades de saúde. Assim, a consciência ecológica, por ser de natureza individual, poderá impregnar de sentido não apenas estudantes, mas também, nos mais diversos ambientes sociais que, gradativamente, serão inseridos em nossa cultura.

Entendemos que a continuidade deste trabalho requer o apoio por parte da escola. Pois, como formadora, a Unidade escolar, poderia agregar projetos dessa natureza para compartilhar experiências, maximizando a abrangência das ideias propostas e promovendo à educação ambiental. O trabalho de pesquisa precisa ser divulgado com mais frequência nas Escolas, nos Postos de Saúde, nas Unidades de Saneamento Básico, dentre outras.

[Freire \(1994\)](#) defende que os movimentos sociais são potencialmente aptos para iniciar um processo de reconstrução do meio ambiente, por meio da sustentabilidade. Assim, “Instrutor” nos faz observar: *“espero que essas ações (refere-se às ações da pesquisa), deem continuidade, passando um para o outro, quem você conhece e quem você não conhece”*. Podemos inferir que falta, porém, uma educação de base capaz de direcionar os olhares para a conscientização ambiental. Essa estrutura é dependente de esforços conjuntos das autoridades políticas e ambientais para que se faça nascer, nas comunidades, a consciência ambiental e o consenso social de que é preciso reduzir a deposição de lixo nas ruas e valorizar a reciclagem, não apenas como uma fonte de renda, mas como uma medida alternativa de prevenção do ecossistema.

Como exposto, a percepção de sensibilidade que adquirimos com o processo de conscientização sobre a sustentabilidade nos propicia a construção de um olhar diferenciado, capaz de direcionar o foco de ação do objeto estudado. Possibilita-nos, também, enxergar as interconexões do saber ecológico, por meio da persistência das nossas atitudes, da força das nossas ações e da capacidade ímpar que temos de relacionar os objetos de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo desnudou a importância da conscientização ambiental, no processo da “educação”, da tomada de consciência pelos jovens e da percepção do meio em que vivemos. Revelou-nos a necessidade de um olhar direcionado à construção de novas formas de interação, capaz de ver as problemáticas educacionais e sociais. E, diante delas, direcionar uma postura incisiva para potencializar a necessária mobilização social, por meio da transformação individual e coletiva.

A sustentabilidade ambiental e a consciência ecológica, nos dias de hoje, são assuntos de relevante importância para a sociedade. Apreendemos, juntamente com os estudantes, que estas temáticas precisam ser discutidas, não apenas pela escola, mas por todas as instituições e pessoas que se preocupam com a formação de uma sociedade mais consciente.

Neste contexto, este estudo possibilitou a compreensão dos significados e a importância da educação ambiental para jovens que participaram das atividades realizadas pelo Projeto Saber Cuidar, contribuiu com a formação de multiplicadores da educação ambiental, estimulou e qualificou a consciência ecológica e a responsabilidade planetária. Ao mesmo tempo, favoreceu o crescimento das ações que a equipe do Saber Cuidar, em parceria com o movimento popular de saúde, desenvolve na região, possibilitando uma melhor intervenção no meio ambiente e evitando a ascensão de sua degradação.

A consciência ecológica, como se vê, não é um ato simples de ação presumível, mas é a consciência da consciência pensada que se desvincula dos “janelões” da ignorância e se aperfeiçoa no cotidiano social. No entanto, agir e interferir no meio, com o preâmbulo da consciência ecológica, pode ser resquício da falta de recursos para se viver dignamente, da injustiça social, da intolerância à presença humana, da exclusão social.

Enfim, a sustentabilidade ambiental e a consciência ecológica são assuntos de relevante importância para a sociedade nos dias de hoje e precisam ser discutidos, não apenas pela escola, mas por todas as instituições e indivíduos que se preocupam com a formação de uma sociedade mais consciente. Não mais é possível sermos alheios a uma problemática tão discutida e que, a cada dia, se torna tão necessária.

Submetido em 11/01/2013

Aceito em 28/08/2013

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente, saúde.** Brasília, DF, 1997. 128 p. Disponível em: <<http://www.histoecultura.com.br/bibliotecavirtual/4%20PCN1-9ambiente.PDF>>. Acesso em: 27 abr. 2012.

BRASIL. **Consumo sustentável:** manual de educação. Brasília, DF: Consumers International: MMA: MEC: IDEC, 2005. 160 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao8.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2012.

BRASIL. **Vamos cuidar do Brasil:** conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Coordenação Soraia Silva de Mello, Rachel Trajber. Brasília, DF: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007. 248 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2012.

CAVALCANTI, C. (Org.). **Estudos para uma sociedade sustentável**. Recife: INPSO, FUNDAJ, 1994. 262 p. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/brasil/pesqui/cavalcanti.rtf>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

DEWES, D.; WITTCKIND, E. V. Educação ambiental para a sustentabilidade: história, conceitos e caminhos. In: FÓRUM INTERNACIONAL INTEGRADO DE CIDADANIA, Santo Ângelo (RS), 26-29 abr. 2006. Disponível em: <http://www.urisan.tche.br/~forumcidadania/pdf/EDUCACAO_AMBIENTAL_PARA_A_SUSTENTABILIDADE.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2012.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GODOY, C. M. T. et al. Desenvolvimento sustentável: sob a ótica da educação ambiental. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 8., 2010, Porto de Galinhas. Disponível em: <<http://www.alasru.org/wp.../07/GT2-Cristiane-Maria-Tonetto-Godoy.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2012.

HOCKENBERRY, M. J.; WILSON, D. Wong: Fundamentos de enfermagem pediátrica. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 118, p. 189-205, mar. 2003.

LIMA, G. F. C. O debate da sustentabilidade na sociedade insustentável. **Revista Eletrônica "Política e Trabalho"**, João Pessoa, v. 13, p. 201-222, set. 1997.

LIMA, G. F. C. Questão ambiental e educação: contribuições para o debate. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, ano II, n. 5, p. 135-153, 1999.

MAGALHÃES, A. G. et al. A formação de professores para a diversidade na perspectiva de Paulo Freire. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 5., 19-22 set. 2005, Recife. Disponível em: <http://www.paulofreire.org.br/artigos_parte01.pdf>. Acesso em: 19 out. 2012.

MORIN, E. **O método II: a vida da vida**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

SESC. Gerência de Programas Socioeducativos do SESC SP. Educação para a sustentabilidade: trajetória e tendências. **Cadernos SESC de Cidadania**, São Paulo, ano I, n. II, p. 5-7, 2010.